



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXVII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2023

A VARIAÇÃO DO USO DO PRONOME CLÍTICO SE EM SENTENÇAS REFLEXIVAS DO PORTUGUÊS FALADO EM LUANDA

Élen Correia Novais¹; Silvana Silva de Farias Araújo²;

1. Bolsista PIBIC/FAPESB, Graduanda em Letras – Língua Portuguesa, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: elencnnovals@gmail.com
2. Orientadora, Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: silvanaaraujo@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: Clítico SE; Português Brasileiro; Português Angolano.

INTRODUÇÃO

Os processos sócio-históricos que acompanham a formação da língua vernácula de uma nação evidenciam que o contato linguístico contribui para a formação de novas variedades linguísticas. Das variedades de português existentes, e devido às trocas comerciais que existem entre o Brasil e a África, infere-se que as línguas de países africanos, principalmente as de origem Banto e Iorubá, contribuíram significativamente para a formação do Português Brasileiro (PB) (CASTRO 2002, 2005; PETER, 2008).

Em razão disso, pode-se afirmar que é fundamental a realização de pesquisas para estudar as variadas formas de falar português, que levem em consideração os aspectos sociais, linguísticos e históricos de uma comunidade linguística. Dessa maneira, para entender a realidade linguística brasileira, considerando os intensos e maciços contatos linguístico, é importante que também sejam realizados estudos comparando o PB as variedades africanas do Português, a exemplo do Português Angolano (PA).

Para a pesquisa aqui delineada, levando em consideração os aspectos morfossintáticos do PB e do Português Luandense (PL), foi investigado o funcionamento do clítico *SE* em sentenças reflexivas, comparando e observando se há variação ou não no uso desse clítico no português falado em Luanda, tal como estudos apontam que ocorre no PB. Estudos apontam que em algumas sentenças do PL o uso do clítico *SE* ocorre em contexto de próclise, denotando, assim, uma semelhança com o PB, que tanto na fala oral culta quanto na oral popular, há o predomínio da posição proclítica com relação a esse clítico (SILVA, 2022, PETERSON, 2010). A comparação justifica-se devido às relações sócio-históricas entre Angola e Brasil, haja vista que a maioria dos africanos escravizados que vieram para o Brasil vieram desse país africano (ALENCASTRO, 2000).

Por meio do modelo teórico metodológico da teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2008[1968]) e da teoria Sociolinguística foi possível investigar e descrever as perspectivas das variações de fala da comunidade. Dessa forma, foi analisada a colocação do clítico *SE* e por meio de uma

revisão de literatura realizou-se a comparação entre o PB e PL, investigando e identificando as semelhanças e/ou diferenças existentes entre a formação e o desenvolvimento dessas línguas, que influenciaram na formação do PB.

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

Durante o desenvolvimento da pesquisa, adotaram-se as orientações teórico-metodológicas da Sociolinguística e da Teoria da Variação e Mudança Linguística de Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968]), pois objetivam realizar estudos e análises das variações e mudanças que ocorrem na língua, considerando os fatores linguísticos com suas variantes sociais, e os aspectos extralinguísticos.

A partir da análise de um *corpus* que integra o projeto *Em busca das raízes do português brasileiro*, pertencente ao NELP — Núcleo de Estudos da Língua Portuguesa, que se encontra em sua Fase III, foi feito um levantamento de dados, sobre a colocação do clítico *SE* reflexivo, a partir das trinta e três entrevistas sociolinguísticas do tipo DID (diálogo entre informante e documentador), já realizadas e transcritas na área urbana do município de Luanda, capital de Angola, contendo representantes das normas cultas e popular angolanas.

As entrevistas estão estratificadas da seguinte maneira:

Sexo	Masculino Feminino
Faixa Etária	I- 20 a 30 anos II- 36 a 50 anos III- acima de 52 anos
Escolaridade	Baixa ou nula Superior
Língua Materna	Português Línguas Africanas
Local de Nascimento	Capital Interior

Tabela 1: Estratificação das entrevistas

Após analisar as entrevistas selecionadas, foi feito o levantamento das ocorrências de colocação do clítico *SE*, o levantamento das ocorrências do fenômeno pesquisado, o clítico *SE* reflexivo, bem como foi feito um tratamento qualitativo em um viés descritivo dos dados obtidos, e após a análise dos resultados foram feitos estudos e apresentações acadêmicas sobre o fenômeno observado.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

No que se refere à quantificação dos resultados obtidos, a partir dos estudos e análises feitas dos *corpora* das entrevistas, obteve-se um resultado baixo com relação as ocorrências do clítico *SE* reflexivo, por essa razão não foi possível realizar a codificação dos dados através do Programa Goldvarb X. Dessa maneira, foi realizado um estudo descritivo dos casos obtidos nas entrevistas, em que das trinta e três entrevistas que foram observadas em apenas nove encontraram-se casos do clítico *SE* reflexivo, totalizando apenas dezessete ocorrências do fenômeno.

Apesar de haver evidências em que a colocação do clítico é um aspecto morfossintático que aproxima as variedades africanas de português do português

brasileiro, no que se refere a tendência do uso da próclise, é fundamental que se tenha em mente que essa colocação pode variar devido as particularidades existentes em uma língua e sua formação sócio-histórica. Por isso que, no que se refere à colocação do clítico *SE* nos *corpora* analisados, os dados obtidos permitiram perceber que ocorre uma variação quanto a sua ordem proclítica e enclítica, além de que esse clítico desempenha outras funções sintáticas como a de índice de indeterminação do sujeito, a de pronome apassivador, a de parte integrante do verbo e a partícula expletiva ou de realce.

Como aponta Souza (2015), durante o processo de formação de uma língua em situações de contato linguístico intenso, é evidente que a estrutura gramatical da variedade que se forma sofre profundas variações, em que não há a inserção de dispositivos originais na gramática da língua alvo, mas as lacunas que ficam são, aos poucos, preenchidas por dispositivos da língua do dominador. Dessa maneira, “no que se refere às estruturas ditas reflexivas, pode-se afirmar que não houve a gramaticalização de itens lexicais e sim uma profunda variação no uso da partícula reflexivizadora na nova variedade de língua que se formou” (SOUZA, 2015, p. 45).

O clítico *SE* reflexivo representa uma ação em que o sujeito é agente e paciente da ação verbal, ou seja, o clítico *SE* faz referência ao sujeito e será o objeto do verbo transitivo na oração. No *corpus* analisado observa-se que entre as nove entrevistas percebe-se o emprego da ênclise (dez falas) e em quatro percebe-se o emprego da próclise (sete falas). Com isso, percebe-se que com a obtenção dos resultados por meio da observação e análise do *corpus*, nas nove entrevistas, há maior incidência de casos de ênclise do *SE* reflexivo.

A caracterização dos informantes foi feita a partir de uma codificação ao final de cada exemplo: Faixa A, B ou C, em que os informantes da faixa A são homens (H) ou mulheres (M) com idade de 21 a 35 anos, apresentando uma escolaridade nula ou baixa, até o ensino médio ou superior; os informantes da faixa B são H ou M com idade de 36 a 51 anos, apresentando uma escolaridade nula ou baixa, até o ensino médio ou superior; informantes da faixa C são H ou M com idade a partir dos 52 anos, apresentando uma escolaridade nula ou baixa, até o ensino médio ou superior.

Alguns dos dados obtidos:

Ex. (1): **INF A:** Ao acordar a mesma coisa, eu apresento-se a Jesus, tenho que pôr o joelho no chão, pedire “Senhor, olha nos teus filhos que estão na prisão, olha os teus filhos que estão no hospitale, que esta hora a teus filhos que está no bloco. Senhor entra neste sito, Senhor vem a teus filhos que estão a soffrere...” (Faixa C – M – nula e baixa escolaridade).

Ex. (2): **INF F:** Gosto, gosto agora com programa Sem Limites, olha to encantada só que o programa não devia só ser feito cá, no estúdio, Analtina e a sua equipe deveriam deslocar-se mesmo fazer os programas nas províncias (Faixa B – M – Ensino Superior).

Ex. (7): **INF RM:** Os jovens hoje conhecem-se hoje de manhã, à noite já vão pra cama. Então, o que é que acontece: não há casamentos por causa disso. Há poucos casamentos por causa disso, porque eles já se conhecem. (Faixa B – M – Ensino Médio).

CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)

A partir do estudo e descrição do fenômeno analisado foi possível obter uma

caracterização sociolinguística do português falado em Luanda, com base em dados obtidos nas entrevistas pertencentes ao projeto *Em busca das raízes do português brasileiro: estudos morfossintáticos*, bem como foi possível estabelecer comparações do fenômeno estudado entre a variedade do PB e do PL, observando as semelhanças e diferenças da caracterização do uso e aplicação do clítico *SE*. A partir dos estudos realizados e dos resultados obtidos, pôde-se suscitar, no meio acadêmico, discussões sobre a sócio-história de Luanda para melhor compreender a variedade brasileira

REFERÊNCIAS

ALENCASTRO, Luis Felipe. *O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul*. São Paulo: Companhia das Letras: 2000.

CASTRO, Yeda Pessoa de. *A língua mina-jeje no Brasil*. Um falar africano em Ouro Preto no século XVIII. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro/Séc. de Estado da Cultura, 2002.

_____. *A influência das línguas africanas no português brasileiro*. Secretaria Municipal de Educação-prefeitura da Cidade de Salvador, p. 3-12, 2005.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

PETTER, Margarida Maria Taddoni. Uma hipótese explicativa do contato entre o português e as línguas africanas. *PAPIA-Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico*, v. 17, n. 1, p. 9-19, 2008.

PETERSON, M. S. *A ordem dos clíticos pronominais em lexias verbais simples e complexas em cartas de leitor: uma contribuição da sociolinguística variacionista*. Dissertação (Mestrado) – UFRJ/ FL/ Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas. Rio de Janeiro: UFRJ/FL, 2010.

SILVA, Manoel Crispiniano Alves da Silva. *A colocação dos pronomes clíticos no português falado em Luanda-Angola: um estudo sociolinguístico e sócio-histórico*. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, 2022.

SOUZA, Jurgen Alves de. *As estruturas reflexivas no português afro-brasileiro*. Dissertação de Mestrado – qualificação para doutorado, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno, São Paulo: Parábola Editorial, 2006.